



Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Licenciatura em Letras/Português
Monografia em Literatura

Zuleika Virgílio dos Santos
09/0074343

O desafio de Carolina Maria de Jesus: da invisibilidade à escritora de *Quarto de Despejo* e *Diário de Bitita*

MENÇÃO	MS
--------	----

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Virgínia Maria Vasconcelos Leal

Brasília-DF
1º/2014

Zuleika Virgílio dos Santos
09/0074343

O desafio de Carolina Maria de Jesus: da invisibilidade à escritora de *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* e *Diário de Bitita*

Monografia em Literatura apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a conclusão do curso de licenciatura em Letras-Português e respectivas literaturas, sob orientação da Profª Drª Virgínia Maria Vasconcelos Leal.

Brasília-DF
1º/2014

Resumo

Carolina Maria de Jesus, a leitora, surgida das margens, dos becos da extinta favela do Canindé, em São Paulo, nas décadas de 60, consegue atingir uma estética e um estilo próprio com suas escritas, em *Diário de Bitita* e, principalmente em *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* - sendo esta sua primeira obra -, tornando-se visível aos olhos da sociedade, a ponto de ingressar no campo literário.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, literatura contemporânea, leitura e escrita.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
1. A representação de Carolina: da favela para o campo literário.....	9
2. Horizontes e desafios nos diários autobiográficos de Carolina Maria de Jesus....	20
3. O poder da leitura e da escrita na vida de Carolina Maria de Jesus.....	29
Considerações finais.....	34
Referências bibliográficas.....	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar o entrelaçamento que as histórias narradas em *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), e *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus, presentes nas obras supracitadas, demonstram acerca da trajetória de vida da autora bem como sua vinculação com a leitura e a escrita, demarcando processos educacionais que a transformaram em uma escritora de sua própria vida e história.

Para dar início ao estudo aqui proposto, vale ressaltar e expor uma breve biografia da escritora Carolina Maria de Jesus, destacando o contexto e os acontecimentos que a fizeram construir tais obras.

Carolina nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, em ano que a própria Carolina desconhece. Tal fato fica evidente no trecho que se segue em *Diário de Bitita*: “Será que eu nasci no ano de 1921? Há os que dizem que nasci no ano de 1914” (DB, p.114)¹. Tais suposições da personagem principal Bitita, são explicadas mediante a carência de registros que comprovem os dados legais referentes ao nascimento da escritora. Porém, as homenagens do Centenário de Carolina, que ocorreram nas instituições brasileiras deste ano, 2014, como no Instituto Moreira Salles (IMS), universidades e editoras como a Nandyala Livros, que lançou o livro da autora Elzira Divina Perpétua, *A vida escrita de Carolina* (2014), confirmam que a data precisa do nascimento de Carolina é realmente o ano de 1914.

Segundo a narrativa do *Diário de Bitita*, a origem familiar de Carolina é do núcleo de agricultores, sem nenhum vínculo empregatício, e também descendentes de escravos, composto por tias, tios, primas, primos, sua mãe e pelo avô que, de acordo com a autora, eram “as pessoas mais importantes (...)” (DB, p.8) em sua vida. Carolina Maria de Jesus tinha também um pai desconhecido, um irmão com o qual não cultivava laços afetivos, todos de origem pobre.

1- Para as citações dos diários de Carolina Maria de Jesus, serão apresentadas neste trabalho as abreviaturas QD para *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* e DB para *Diário de Bitita*, seguidas das respectivas páginas.

Carolina, desde a infância teve uma vida marcada pela pobreza e, conseqüentemente, pela fome e descaso social movidos por sua cor, sua classe e sua condição de mulher. Tanto ela quando criança como a filha Vera Eunice passaram por privações semelhantes, o que pode ser observado nas obras aqui estudadas ao relatar em *Diário de Bitita*: “Eu estava descalça porque a minha mãe não pode comprar um ‘pé de anjo’ para mim” (DB, p.14), e em *Quarto de Despejo*, na qual sua filha mais nova Vera Eunice completava aniversário e Carolina não tinha condições de comprar um sapato, sujeitando-se a remendar um par de sapatos encontrados no lixo para que ela não ficasse descalça:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo do gênero alimentício nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (QD, p.7)

Carolina, depois de se deslocar por várias casas na cidade de Sacramento (MG) sem fixar emprego, mudou-se para São Paulo, onde passou a morar na favela do Canindé, próxima às margens do rio Tietê. Era mãe solteira, com três filhos de pais diferentes. Teve a vida permeada pela discriminação e pela injustiça social, devido à sua posição de mulher, negra, pobre, semianalfabeta e residente de uma favela. Trabalhou em casas de família como empregada doméstica, mas rejeitou este trabalho por não se adaptar ao mando e desmando de patrões, quando resolveu se tornar catadora de papéis.

E foi, por conta do ofício de catadora de papéis e de lixo recicláveis, durante muitos anos, que ela tirava o pouco alimento para sua sobrevivência e a de seus filhos, e esse era o meio que Carolina encontrava para conseguir seu ganha-pão, e acima de tudo, era nesses locais que Carolina achava folhas de cadernos para fazer suas anotações sobre as suas condições de vida e a dos moradores da favela e, assim, revelar-se como escritora. Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em sua obra *A formação da Leitura no Brasil* (1998), afirmam que:

(...) comentários, reflexões, eventos e esperanças que compõem o dia-a-dia de uma mulher negra e pobre, que chegou a São Paulo como retirante mineira, perambulou por diferentes empregos de doméstica, transformou-se em catadora de papel, e coroa tão inusitado currículo com a escrita de um livro. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p.298)

Carolina deixa claro que estudou durante “apenas dois anos de grupo escolar” (QD, p.12), entretanto, a pouca escolaridade não foi empecilho para que ela alcançasse o seu sonho de escrever e mostrar para o mundo, por meio de seus diários, as condições sociais pelas quais passa uma pessoa que reside em uma favela, por vezes sendo privada dos direitos e garantias fundamentais de cada ser humano, como a alimentação, a segurança, o tratamento igualitário para todos os indivíduos que constituem alguns dos bens impescindíveis e invioláveis, para a sobrevivência de cada indivíduo.

A Constituição Federal Brasileira promulga no artigo 3º dos seguintes parágrafos:

“III- erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV- promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

Porém, os relatos da protagonista dos diários mostram que os dirigentes que promulgaram as leis impostas na Constituição do Brasil não cumprem as metas que são descritas nos parágrafos especificados, nem mesmo quando estes problemas sociais são denunciados e vem a público, a exemplo dos contextos narrativos dos diários que revelam o sofrimento de uma grande parcela da sociedade que vive às margens e no submundo da miséria, e o poder público finge não enxergar.

A narrativa das obras nos mostra que a vida de Carolina era permeada de sentimentos dolorosos, como a angústia, a aflição, o desespero e a fome sendo este o pior entre os demais, porque a falta de seu alimento ocasionava os outros. Ela revela esta falta com veracidade, sensibilidade e de forma autêntica quando manifesta em suas obras: “Minha mãe resolveu voltar para Sacramento, lá ela tinha o seu ranchinho. Ela lutava para arranjar o que comer”. (DB, p.143) “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago (sic)”. (QD, p.110)

Carolina, por obra do destino ou de sua sorte, foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas que teve acesso aos manuscritos “cuidadosamente armazenados na espera de um golpe de sorte que pudesse tirar da escuridão a ela, seus filhos, mas, principalmente, a fala de si e do outro que recheava aquelas páginas encardidas” (AZEREDO, 2011, p.122), segundo Mônica Horta Azeredo em seu artigo intitulado “A

representação de si e do outro nas falas de Carolina Maria de Jesus e Estamira”.

Dessa forma, o presente trabalho traça um panorama sobre a trajetória de vida da autora, como moradora da favela até alcançar tão nobre título de escritora de suas obras *Quarto de despejo: Diário de uma Favelada* e *Diário de Bitita*, entre outras que não são analisadas no trabalho, mas que foram publicadas. Para tanto, este é composto de três capítulos:

O primeiro capítulo, denominado, “A representação de Carolina: da favela para o campo literário”, traz uma pequena abordagem sobre a representação da moradora da favela no campo da literatura.

O segundo capítulo, “Horizontes e desafios nos diários autobiográficos de Carolina Maria de Jesus”, mostra os desafios percorridos pela autora até alçar novos horizontes com sua escrita. Discute também a diferença entre *Diário de Bitita*, como obra autobiográfica, e *Quarto de Despejo* no gênero “diário”.

O terceiro capítulo, denominado, “O poder da leitura e escrita na vida de Carolina Maria de Jesus”, traz um pequeno apanhado sobre os processos de educação adquiridos pela autora que fizeram uma grande diferença em sua vida.

Capítulo I

A representação de Carolina: da favela para o campo literário

A literatura, segundo a perspectiva ideal democrática, é um espaço em que todos têm direito de mostrar e expor a sua arte, ou seja, de representar. Como afirma Regina Dalcastagnè, em seu artigo “Uma voz ao sol”, “A literatura é um espaço privilegiado para tal manifestação, pela legitimidade que ela retém. Daí a necessidade de democratizar o fazer literário (...)”. (DALCASTAGNÈ, 2002, p.71)

Dessa forma, com percepção e sabedoria, Carolina Maria de Jesus, moradora da favela do Canindé, em São Paulo, clamou por seus direitos no campo literário - que por vezes é tão difícil de ingressar - ao expressar sua voz e apresentar uma linguagem própria nas suas obras.

Virgínia Maria Vasconcelos Leal, em seu artigo “O feminismo como agente de mudanças no campo literário brasileiro”, aponta que o conceito de campo literário “pressupõe diversos elementos constituintes da instituição literária” (LEAL, 2010, p.183) dentre as instâncias, de autoria, de leituras, de legitimidade, de veículos de produção e distribuição das obras, etc. E as mulheres, em épocas passadas, como no período colonial e sob a ordem patriarcal do século XIX, e até mesmo no início do século XX, para participar desses elementos que constituem esse campo, tiveram difícil acesso, já que a elas era vetado o direito à leitura e à escrita, consideradas “uma competência perigosa” (LACERDA, 2003, p.18), nas palavras de Lilian Maria de Lacerda em seu livro *Álbum de leitura* (2003).

Segundo, ainda Virgínia Leal, ao explicar a teoria de Pierre Bourdieu sobre o campo literário, acentua que este é o espaço onde são definidas as relações que legitimam e reconhecem os agentes como escritoras e escritores, editoras e editores, as críticas acadêmicas e jornalísticas, instituições de produções e veiculações de vendas, entre outros.

Os trabalhos escritos de autoria feminina, de acordo com a história da literatura, foram revelados e contados em épocas recentes, “graças ao empenho da crítica literária feminista”. (LEAL, 2010, p.184) Assim como o movimento social e político feminista contribuiu acentuadamente para que as mulheres saíssem do casulo e da dominação masculina, já que suas experiências de vida foram atravessadas e

designadas por muitos papéis sociais e suas relações de meninas a mulheres estiveram submetidas à força e imposição desses papéis, e “seus desejos, intimidades e fantasias (...) escamoteados nas linhas dos papéis que produziram sobre si mesmas” (LACERDA, 2003, p.20) e a identidade das mulheres de outrora se escondiam por detrás dos papéis sociais que cada uma era obrigada a carregar, devido ao sistema masculino opressor.

Desta feita, Carolina Maria de Jesus foi um caso especial, pois, mesmo diante de condições desfavoráveis no contexto da sociedade brasileira e, principalmente no campo literário brasileiro - mulher, negra, pobre, moradora da favela e semianalfabeta - soube revelar e representar com maestria e de forma legítima a sua linguagem literária, trazendo para as leitoras e os leitores de várias classes sociais a realidade de uma população cercada pela miséria e pela exclusão social numa época em que o Brasil se modernizava.

A narrativa dos diários *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* e *Diário de Bitita* abriu caminho para a voz de Carolina ecoar em diferentes segmentos que compõem a sociedade brasileira e estrangeira, como mostra Germana Henriques Pereira de Sousa, em seu livro *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata* (2012):

Carolina de Jesus “infiltrou” na literatura brasileira pela porta da mídia. Fez-se então uma surpresa Carolina: para um público ávido por espetáculo, as revistas os jornais e a editora ofereceram um fenômeno de venda – “a favelada que escreve”. O espetáculo continuou para o público estrangeiro, o que fez suas obras serem traduzidas para várias línguas. (SOUSA, 2012, p.16)

No presente estudo optou-se por iniciar a pesquisa pela obra *Diário de Bitita*, por se tratar de um livro que retrata os anos iniciais de vida da escritora, sua infância e juventude até sua mudança para a cidade de São Paulo.

Diário de Bitita aponta com bastante clareza para uma busca de coerência e de totalidade da vida da autora que, de forma intencional, traça uma linha contínua que marca toda a trajetória da vida de Carolina. Neste diário, que é de criação memorialística e de gênero autobiográfico - tendo em vista que ela busca no presente (quando adulta) fatos do passado para construção de sua obra - a protagonista Bitita (apelido de Carolina quando criança), nos conta como foi sua infância e o meio social ao qual pertenceu, apontando sempre interfaces com as histórias de alguns membros de sua família, dando voz a estes familiares descritos em seu texto e incorporando-os à

sua trajetória de vida. Segundo Lilian Maria de Lacerda, “o trabalho com a memória recupera alguns acontecimentos e fatos, mas também oblitera, negligencia e omite outros”. (LACERDA, 2003, p.28)

Dessa forma, Carolina destaca no *Diário de Bitita* as suas memórias, acontecimentos e figuras que fizeram parte de seu passado, como a de seu avô, uma das principais, tendo em vista que o menciona recorrentemente em seus escritos, e, sobretudo, dedica a ele um capítulo intitulado “A Morte do avô”. Também aparecem mãe, irmão, madrinhas, tias entre outros, que resgatam alguns momentos vividos na infância.

A subalternidade e a segregação social e racial são elementos que fizeram parte da vida da protagonista e da dos demais personagens especificados na narrativa, como a personagem Bitita destaca:

Um dia a minha mãe estava lavando roupa. Pretendia lavá-la depressa para arranjar dinheiro e comprar comida para nós. Os policiais prenderam-na. Fiquei nervosa. Mas não podia dizer nada. Se reclamasse o soldado me batia com um chicote de borracha. A meia-noite resolveram soltá-la. Ficamos alegres. Ela nos agradeceu e depois chorou. Eu pensava: “É só as pretas que vão presas”. (DB, p.27)

É observado que a narrativa presente em *Diário de Bitita* finaliza a história com a chegada da autora na cidade de São Paulo, projetando sonhos e desejos para o futuro: “Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade...”. (DB, p.203)

Os sonhos a que a escritora se refere serão progressivamente alcançados com a escrita de seu diário em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, por meio do qual Carolina recebe a honra e o mérito de se alçar como escritora e finalmente realizar o sonho tão desejado, que era comprar uma casa e sair da favela.

Eduardo de Assis Duarte, em seu artigo intitulado “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”, acentua que a “Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto tradução *textual* de uma história coletiva e/ou individual”. (DUARTE, 2008, p.15)

Assim, o discurso das obras de Carolina descreve e relata vividamente uma experiência própria, representativa que enfatiza não apenas sua vida, mas também a experiência de uma identidade coletiva marcada pelo ser negra, mulher, pobre.

A literatura apresentada por Carolina possui um enunciado sob um ponto de

vista que demarcam identidades que se bifurcam - mulher, negra, pobre - afirmando em seu discurso um vocabulário específico, oriundo da classe a que pertenceu. A protagonista relata em *Diário de Bitita*: “Eu notava que os brancos eram mais tranquilos porque já tinham seus meios de vida. E os negros, por não ter instrução, a vida era-lhes mais difícil”. (DB, p. 55)

Dessa forma, compreendemos que, o lugar de onde Carolina fala é o das pessoas discriminadas e oprimidas por um sistema excludente. Eduardo de Assis Duarte aponta que este é um fator decisivo para incluir suas obras no “âmbito da afro-brasilidade”. (DUARTE, 2008, p.15)

A narrativa do *Diário de Bitita* apropriou-se, principalmente das histórias de vida, a partir de um processo de rastreamento memorialístico que buscou resgatar a trajetória de pessoas importantes e representativas para a escritora, artifícios literários estes que buscaram dar visibilidade a uma população desprivilegiada, como negras/os, mulheres, idosas/os e trabalhadores da classe operária. Regina Dalcastagnè destaca:

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade e o que o seu silêncio esconde. (DALCASTAGNÈ, 2012 p.31)

Diante da citação mencionada, Carolina foi um caso à parte, pois, apesar de todas as suas dificuldades e das condições adversas, não se manteve no silêncio, tamanha foi a sua determinação e sua força expressiva de linguagem nos seus escritos. Ela foi porta-voz legítima de uma realidade de miséria e descaso social que vivenciou conseguindo expor no seu discurso, até então representado pelo “Outro”, daquele que não possui regalias ou privilégios e necessita de diversas manobras de sobrevivência e resgate de sua identidade para ter sua voz ouvida. Regina Dalcastagnè acrescenta que “(...) um dos sentidos de “representar” é (...), falar em nome do outro. Falar por alguém é sempre um ato político, às vezes legítimo, frequentemente autoritário”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.35)

Apesar de toda pluralidade de perspectivas, locais de fala, de ambientações e visões de mundo que a classe discriminada possui somente os intelectuais teriam voz e vez no campo literário? Carolina, entretanto, mostrou que não, ao apresentar seus romances, com sua linguagem direta e simples, para uma classe que deslegitima os desfavorecidos. Ela mostrou que toda classe, independente de sua origem, tem

capacidade de fazer arte.

A autora dos diários soube construir com inteligência o seu trabalho literário, sem depender da voz do outro. Carolina já sabia desde a sua infância que carregava a sina de sua inteligência, ao dar voz à protagonista que narra: “Minha mãe sorriu e disse: – Que menina inteligente. E está com quatro anos” (DB, p.8). E ainda, “Quando me viam nas ruas, as pessoas sorriam para mim dizendo: – Que menina inteligente. – você sabe ler? – Não, senhora. – Puxa, quando souber então! Você promete, menina”. (DB, p.30)

Bruna Paiva de Lucena, em seu artigo intitulado “Novas dicções no campo literário brasileiro: Patativa do Assaré e Carolina Maria de Jesus” (2009), aponta que “a presunção de suprema autoridade da voz e da perspectiva impossibilita o diálogo entre diferentes e desiguais”. (LUCENA, 2009, p.76) Ela, ainda afirma: há urgência das vozes subalternas se manifestarem “como uma forma de apresentar o grito dos que foram muitas vezes silenciados por intelectuais e pela estrutura social que muitos deles construíram e mantêm”. (LUCENA, 2009, p.77) E, Carolina, mulher, negra e moradora de uma favela, não se deixou intimidar, pois fala por si, grita sobre a sua realidade e a de outros de sua comunidade em seus diários, quer ser escutada por ser personagem de si mesma.

Dessa forma, a autora dos diários desestabilizou a fronteira, quebrou paradigmas que muitos mantinham, ao mostrar de forma plural a sua voz, decorrente de sua história de subalternidade. Como mentora de sua própria vida, a ela coube o papel de escritora, personagem e protagonista.

Mesmo com sua escrita considerada fora do padrão das normas gramaticais exigidas, conseguiu expor e representar de forma expressiva – para um mundo literário canonizado e hegemônico, que muitos construíram e tentam manter – seus próprios valores e opiniões.

Regina Dalcastagnè salienta que “a literatura amparada em seus códigos, sua tradição e seus guardiões, pode servir para referendar essa prática, excluindo e marginalizando. Perde, com isso, uma pluralidade de perspectivas que a enriqueceria”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.38)

Carlos Sebe Bom Meihy postula que o contexto cultural brasileiro na década que foi publicado os diários, principalmente *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*

(1960), era tradicionalmente firmado “em valores da elite e na ortodoxia apoiada no pressuposto da *norma culta*, a permanência das regras costumeiras funcionava como obstáculos para a inclusão de novas linguagens”. (MEIHY, 2004, p. 40) E, à época, segundo ele, os diários e as autobiografias eram praticamente atributos da elite, quase sempre masculina, de pessoas bem situadas socialmente e que pessoas do povo dificilmente participavam desse círculo.

Diante do mencionado, a escritora foi uma exceção, ao trazer para o campo literário os seus diários autobiográficos de modo a revelar e expressar, através de sua linguagem ostensiva, as suas angústias, em relação à sua condição de minoria na cadeia social, e queria de qualquer forma quando criança mudar sua situação de gênero - pois já percebia, desde a sua infância, a posição masculina frente à condição da mulher - ao enfatizar por meio da protagonista do *Diário de Bitita*, “— Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem!”. (DB, p, 10) E ainda em *Quarto de Despejo* ela faz questão de apontar “Quando, eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil eu lia a história do Brasil. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria”. (QD, p.58) Estes fragmentos de seus diários demonstram que tinha consciência e visão, à época, a respeito da subalternidade que a mulher era condicionada a viver.

Ela mostra a partir de suas escritas literárias como a figura feminina no contexto histórico brasileiro era oprimida, não podia se manifestar publicamente e vivia profundamente na obscuridade, manifesta que um relacionamento conjugal não daria certo, porque, “um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro”. (QD, p.53)

Nesse sentido, podemos inferir que as relações de gênero eram percebidas por ela. Lucia Ozana Zolin aprofunda, em seu artigo “Literatura de Autoria feminina”, que a opressão de raça, de classe social e de gênero já perdura de longas décadas, ao acrescentar que:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos desfavorecidos etc. (ZOLIN, 2009, p.327)

Para Zolin “a intenção é promover a visibilidade da mulher como produtora

de um discurso que se quer novo, um discurso dissonante, (...), inserindo-a na históriografia literária”. (ZOLIN, 2009, p.328) E Carolina, mesmo com suas condições consideradas inferiores aos demais, negra, pobre e semianalfabeta, pertencente dos grupos minoritários e marginalizados, para alguns, encontrou em seus escritos suas próprias formas de expressão literária, sobressaindo-se em sua época, de forma a promover à sua visibilidade como agente de construção literária com ambas as obras aqui analisadas. E, dentro de uma sociedade dominadora ela teve voz e vez, pois a sua obra *Quarto de Despejo* correu o mundo. Ela não se deixou abater pelas políticas e críticas sociais - de mau gosto - que geram os preconceitos e oprimem as classes desfavorecidas.

Dessa forma, por razões históricas e culturais, as mulheres eram consideradas intelectualmente inferiores aos homens - sendo esta uma desculpa por parte de alguns para que as mulheres não adentrassem no mundo da literatura, sobretudo da leitura e da escrita, porque a mulher era vista como objeto de manipulação, sendo obrigada a procriar, fazer papel de esposa e cuidadora dos afazeres domésticos.

O modo de vida ao qual Carolina teve que passar a transformou em uma peça de dor da desigualdade, e esta era promovida pelo sistema de classes. Agnes Heller, em seu livro *O Cotidiano e a História* (2000), questiona e responde: “Que provoca tais sistema de preconceitos? São provocados pelas integrações sociais nas quais vivem os homens, e dentro dessas integrações, sobretudo pelas classes sociais”. (HELLER, 2000, p.50)

Deve-se observar que, a partir do que foi dito, a maioria desses preconceitos são gerados pelas classes dominantes, àquelas que detêm o poder. Segundo a concepção marxista, a história da humanidade seria constituída por uma permanente luta de classes e na força dialética entre poderosos e fracos, opressores e oprimidos.

E, no mundo capitalista que soube apropriar-se da divisão sexual do trabalho, restaram para as mulheres as tarefas do lar, e, sobretudo a procriação, de serem mães e esposas, cabendo-lhes apenas o espaço da casa, enquanto os homens desenvolvem seus trabalhos fora do espaço doméstico. E a personagem, Bitita, audaciosa e atenta aos fatos desde pequena, já percebia e tinha consciência das coisas ao manifestar: “O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que a mulher e

fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar”. (DB, p.12)

Sobre as bases econômicas desse sistema estão os que vivem às margens, segregadas pelo poder, decorrente de uma sociedade injusta que marginaliza e oprime, e não lhes dão oportunidades de ganhos. Tal realidade é evidenciada nos romances protagonizados por uma pessoa que vivenciou na pele o submundo da miséria e da opressão, que a classe dominante procura manter.

À Carolina, com sua pele negra que reluzia a pobreza e o desprezo, que a classe burguesa não se importava em ver, restou-lhe a função de catadora de papéis, lixos recicláveis e, acima de tudo, como meio de sua subsistência recolhia carnes podres do lixo para sua alimentação e a de seus três filhos. Temos aí uma constatação de violência por parte daqueles que detêm o poder.

Silvana Mara de Moraes dos Santos e Leidiane Oliveira em seu artigo “Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços”, postulam que

(...) as mulheres estão inseridas num contexto de desigualdade que, determinado por relações sociais historicamente construídas, coloca-as em situações de subordinação e opressão, advindas seja por se apropriarem historicamente de menos poder do que os homens; seja por seu pertencimento a uma classe dominada, (...), ou seja, por pertencer a uma raça/etnia historicamente oprimida. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 13)

A escritora nas suas obras, através de seu olhar crítico, contextualiza diversos problemas sociais existentes no Brasil, quando criança em *Diário de Bitita*, e como moradora da favela, em *Quarto de Despejo*, observa todos os contextos minuciosamente, de modo a acrescentá-los em seu diário, como por exemplo, “A revolução empobreceu uns e enriqueceu outros. E aquela revolução deixou o Brasil em desordem. E na bandeira está escrito: *Ordem e Progresso*” (DB, p.38). E, ainda, “Eu fiquei horrorizada quando ouvi as crianças comentando que o filho do senhor Joaquim foi na escola embriagado. É que o menino está com 12 anos”. (QD, p.157) Carolina Maria de Jesus mostra, em seus escritos, que têm consciência da realidade social desordenada de nosso país.

Carolina narra sua história na infância em *Diário de Bitita*, e a dos moradores da favela de *Quarto de Despejo*, de modo a revelar com precisão como a

sua vida e a dos demais era de pobreza, fome e exploração, encenando ostensivamente cada detalhe e cada movimento da sua trajetória em busca de sobrevivência.

Devido às suas privações a personagem Carolina relata: “Já emagreci 8 quilos. Eu não tenho carne, e o pouco que tenho desaparece. (...). Quando passei diante de uma vitrine vi o meu reflexo. Desviei o olhar, porque tinha a impressão de estar vendo um fantasma”. (QD, p.203)

A narrativa da protagonista, vociferando a voz ativa no interior dos enredos de ambos os romances é repleta de sabedoria e emoção. Dalcastagnè acentua que: “A narrativa é uma arte em evolução, que busca caminhos novos frente a obstáculos (...)”. (DALCASTAGNÈ, 2009, p.53)

E, ainda afirma, mesmo “Com defasagens de ‘literariedade’, Carolina Maria de Jesus busca empregar a seu favor a “autenticidade” de seu relato”. (DALCASTAGNÈ, 2009, p.63) E esta colocação de Dalcastagnè, confirma o que *Quarto de Despejo* e *Diário de Bitita*, nos mostram “(...) é que o povo não tolera fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la”. (QD, p.27) “O filho do pobre, quando nascia, já estava destinado a trabalhar na enxada. Os filhos dos ricos eram criados nos colégios internos. Era uma época em que a minoria é que recebia instruções”. (DB, p.42)

A autora cria e emprega em seus relatos diversas situações, de forma que o leitor perceba a movimentação no interior da favela ou fora dela, como por exemplos: brigas violentas entre os vizinhos, mulheres sendo espancadas pelos companheiros e correndo seminua pelas ruas da favela, falta de amor ao próximo, meninos mal educados, entre outros. Regina Dalcastagnè aponta que o olhar de Carolina sobre esses acontecimentos “(...) pode ser preconceituoso, apreensivo, respeitoso, dependendo da disposição da protagonista e narradora no momento em que fala (ou escreve)”. (DALCASTAGNÈ, 2009, p.64)

O enredo da obra de Carolina é repleto de significados, pois a personagem protagonista e narradora dispõe de várias funções ao mesmo tempo dentro da narrativa: é mãe responsável e dedicada, mulher, dona de seu próprio sustento: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (QD,p.12), e ainda mais, escritora de sua própria vida.

Percebe-se que a mãe-mulher das páginas desse romance passa por situações complexas, repleta de sentimentos dolorosos em sua realidade socialmente caótica, quase sempre em meio à solidão e a uma sobrecarga desumana e cruel, porém não se deixa abater ou resignar-se diante dos sofrimentos.

A miséria, a falta de condições, principalmente de seu alimento, não apagou nada disso e não a fez desistir de seu sonho. E isto, a fez ser uma mulher sensível, inteligente, determinada e audaciosa. Dessa forma, entende-se que foi a partir desses atributos de Carolina, que nasceu a célebre obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, que mostra a dura realidade de pessoas que moram em um pequeno espaço geográfico situado na favela do Canindé em São Paulo. Regina Dalcastagnè mostra que é “(...) a partir de seu olhar, ora irritado, ora pesaroso, quase sempre dubio, que teremos a representação do universo da favela paulistana”. (DALCASTAGNÈ, 2009, p.64)

Andréia de Oliveira Alencar Iguma e Leoné Astride Barzotto, no artigo “Diário de uma favelada: um mundo narrado”, acentuam que a autora dos romances denuncia, de forma relevante, “o grito de uma parcela de nossa sociedade, parcela essa tantas vezes esquecida e em outras ignoradas, mantendo-se em condição de miséria por conta de um sistema ineficaz”. (IGUMA; BARZOTTO, 2011, p.96)

Sistema social este que perdura até os dias atuais, repleto de preconceito social, racial e de classe, que privilegiam aqueles que estão no centro, e desprivilegiam os que estão localizados nas periferias. Antonio Sergio Guimarães, em seu artigo “Preconceito e Discriminação”, salienta que isto ocorre porque estes indivíduos são “relegados às posições sociais inferiores da sociedade, através de mecanismos impessoais, tais como a educação formal deficiente, a precariedade de empregos, a pobreza e um estilo de vida culturalmente diferenciado”. (GUIMARÃES, 2011, p.38) E principalmente por marcadores, tais como a cor da pele e a maneira de se vestir, como é o caso das pessoas negras. E este é o percurso verdadeiro e social narrado em ambas as obras, ao qual Carolina teve que se sujeitar a viver. Porém, pelo intermédio da persistência e dedicação em suas leituras e escrita, conseguiu vencê-los e superá-los.

E, infelizmente, de acordo com os textos teóricos em questão, também o campo literário repete e exclui socialmente as pessoas das classes populares, ao apresentar-se como espaço de discriminação no qual apenas as pessoas consideradas

elitizadas e detentora do poder intelectual e econômico como, brancos (as), ricos (os) e da classe média que podem ter vez e participar dele.

A autora, em poder do discurso feminino de sua protagonista, em ambas as obras, trouxe à luz, por intermédio de sua escrita literária, uma tentativa de abordar a desigualdade social neste país e suas consequências, até porque ela viveu uma realidade que muitos desconhecem ou fingem desconhecer.

O discurso arrojado dessa mulher, que contextualiza sua fala, e liga-a aos locais onde foi inserida, de acordo com Mônica Horta Azeredo, “termina por perenizar sua condição, sua história, sua luta, através de um recorte peculiar do que pode ser entendido como parte da sociedade brasileira em diferentes tempos e lugares”. (AZEREDO, 2011, p.124)

Carolina, mesmo considerada desfavorecida e marginalizada, inseriu-se neste universo de maneira eficaz ao revelar de forma verdadeira para o cenário literário a sua literatura, a sua realidade social, cultural e histórica, e também, ao nos apresentar ambos os romances aqui estudados, pois *Quarto de Despejo* traz uma narrativa pormenorizada com todos os detalhes que couberam na construção de uma obra literária. Ela mostra como foram os percursos de vida da protagonista no interior e fora da favela onde situa a trama e os dramas do enredo.

Assim como, *Diário de Bitita* é uma obra literária que também merece atenção por mostrar em diversos capítulos o desenvolvimento e maturidade da narradora protagonista, bem como os seus valores, a exemplo do capítulo “A Cultura”, ao explicitar: “Eu passava os dias lendo *Os Lusíadas* de Camões, com o auxílio do dicionário. Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os amarumes da vida”. (DB, p.177)

Capítulo II

Horizontes e desafios nos diários autobiográficos de Carolina Maria de Jesus

Carolina mostra em suas memórias autobiográficas em *Diário de Bitita* que tem uma relação íntima e sensível com a história de seu passado, ao nos relatar e revelar que todos têm direitos e merecem espaço no mundo em que vivemos: “Mas o mundo é tão grande! Tem tanto espaço, todos podem viver bem aqui dentro! Porque estas brigas? (...). Se não predominar a educação entre os homens, eles jamais serão felizes”. (DB, p.60)

O leitor encontra nas páginas dos diários de Carolina os seus momentos de alegrias e de tristezas que marcaram de forma difícil a sua conquista como escritora. Para tanto, ela enfrentou desafios com seus diários autobiográficos para alçar os horizontes tão desejados, que era escrever de próprio punho a história de sua vida e realizar-se como escritora.

Quarto de Despejo foi a sua primeira obra publicada em vida. O enredo do livro nos revela que a autora tornou-se uma leitora assídua, e este hábito a fez escrever diariamente, de modo a revelar e confidenciar nas páginas de seu diário a sua trajetória de vida, seu cotidiano, sua condição social e a dos demais, como ela, que vivem à margem de uma sociedade excludente:

Conversei com um catador de papel.
– Porque é que não guarda o dinheiro que ganha?
Ele olhou-me com o seu olhar de tristeza:
-- A senhora me faz rir! Já foi o tempo que a gente podia guardar dinheiro.
Eu sou um infeliz. (...).
Ele olhou-me e disse-me:
-- Porque falamos disso? O nosso mundo é a margem (QD, p.204).

Para Germana Henriques Pereira de Sousa, o diário de Carolina abre espaço para o crítico leitor “estudar e compreender a sua obra por meio da autorreflexão que a autora faz dentro dele. Sendo também uma criação estética, o cotidiano da autora, sua condição social” (SOUSA, 2012, p.147) e ainda, estes elementos são fatores determinantes da construção literária.

Mesmo que ocorram modificações no processo de editoração, segundo Germana de Sousa, este será considerado uma totalidade, não alterando a unidade e a qualidade do conjunto. Ela acentua que o diário, sendo “uma narrativa fragmentária, só

pode ganhar um sentido global, ou seja, dar sentido àquela subjetividade que está sendo revelada paulatinamente ali”. (SOUSA, 2012, p.148)

A trajetória das composições autobiográficas femininas, segundo Lilian Maria de Lacerda, não termina com a sua redação. E ainda muitas delas foram editoradas e publicadas, “com uma grande distância cronológica. O tempo da edição não é o da escrita”. (LACERDA, 2003, p.19)

Ao adquirir o hábito da leitura e, principalmente da escrita, Carolina apoderou-se de uma liberdade que a fez descobrir que era capaz de conquistar novos espaços. Assim os seus diários são construções literárias que ganharam o mundo. E *Quarto de despejo* é uma obra que mostrou o caminho da realização de uma escritura de uma linguagem literária singular. E esta obra, além de ser literária tem uma função de documento social, de acordo com Germana Henriques Pereira de Sousa, porque ela não relata apenas as experiências de vida da autora numa favela da cidade de São Paulo, na década de 50, “mas também traça uma visão ampla da situação dos favelados, a partir de um ponto de vista interno”. (SOUSA, 2012, p.148)

Nota-se que a originalidade e a autenticidade dos diários de Carolina provêm do entrecruzamento reflexivo de suas práticas de leituras e escrita, bem como de sua história de vida autobiográfica. Para muitos críticos, segundo Germana de Sousa, o gênero autobiográfico suscitou desconfiças devido a sua especificidade entre o que é real e ficcional. Talvez essa fosse a forma encontrada por Carolina de garantir um espaço e atuar como escritora. Pois, mais do que narrar os acontecimentos da favela e das pessoas que ali residiam, ela queria mostrar - para aqueles que duvidavam de sua competência - que era capaz de fazê-lo.

Carolina se dedicou de modo particular às formas próprias de aprendizagens, os seus escritos revelam que ela não teve apoio ou mesmo orientações de seus familiares ou pessoas de seu convívio, já que os mesmos eram analfabetos, como relata a menina Bitita:

Aos domingos reuniam-se as primas que eram adultas. A Maria Sebastiana, a Ana Rosa e a minha tia Claudimira, cada uma com o seu namorado. Que luta para eles conversarem. Eram analfabetos. Falavam apenas do baile. (DB, p.160)

A personagem Bitita relata com sensibilidade e afeição, que apenas uma professora do colégio Alan Kardek, a qual foi matriculada, teve interesse em alfabetizar as pessoas negras:

O que eu admirava é que a dona Maria Leite não auxiliava os brancos, só os pretos, e nos dizia: – Eu sou francesa. Não tenho culpa da odisséia de vocês; (...). Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão. Os negrinhos que já sabiam ler, liam para ela ouvir. Ela ouvia com profundo interesse. (DB, p.123)

Por meio de um deslocamento reflexivo, cabe aqui uma interrogação. Como uma mulher que vivia em condições de miséria no interior de uma favela e numa época em que o preconceito contra os negros era ainda mais forte, conseguiu se apoderar dessas competências, leitura e escrita, de modo a escrever a história de sua vida e de sua existência? Para tal questão entende-se que, ao analisar os enredos de ambos os diários, Carolina para realizar sua feitura como escritora e compor suas autobiografias até chegar à publicação dos textos, se valeu de leituras e muitas escritas incansavelmente, e de forma espontânea.

Lilian Maria de Lacerda acentua que a escrita autobiográfica é considerada “a forma mais acabada de uma longa prática da escrita e se encontra incluída no conjunto das produções escritas que acompanham o cotidiano feminino” (LACERDA, 2003, p.19), como os cadernos ou diários íntimos feitos por quem têm interesse de narrar a sua história de vida.

Aprofundando a discussão sobre a natureza das narrativas autobiográficas e dos diários íntimos, Germana Henriques Pereira de Sousa acentua que os primeiros gêneros são construções escritas ou orais que relatam a vida do indivíduo, sendo uma construção discursiva, ela seleciona, privilegia e destaca a trajetória e as experiências de vida da pessoa que narra, estabelecendo uma ordem na memória, de modo que nesta surgem um turbilhão de sentimentos provenientes do passado de uma existência já vivida. Já a escrita dos diários, gênero de cunho íntimo, relata o cotidiano da experiência de vida, e este não traz os fatos do passado à tona “uma vez que é uma construção fragmentária, feita em um presente sempre atualizado”. (SOUSA, 2012, p. 188) Porém, isto não quer dizer que o narrador não reflita sobre alguns momentos do passado.

Nas épocas passadas, precisamente século XIX, e início do XX, segundo os textos teóricos que embasam este trabalho, os diários de autoria feminina eram esquecidos nos baús, sotãos e gavetas. Atualmente devido ao grande empenho de pesquisadoras e pesquisadores, eles são resgatados para dar voz àquelas pessoas - mulheres, escravas/os, pobres etc. - muito tempo oprimidas e silenciadas.

Germana Henriques Pereira de Sousa enfatiza que:

O diário íntimo possui como características do gênero repetições e pontos obscuros, traços próprios a uma temporalidade em construção. Narrativa do presente, sempre fugidio, o diário não se articula pela projeção do eu no passado, ou no futuro. A diferença do diário com relação à autobiografia reside neste fato, já que esta última é uma narrativa restropectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência. (SOUSA, 2012. p.181)

Dessa forma, observa-se que as linguagens das narrativas aqui analisadas se diferenciam. *Quarto de Despejo* traz uma linguagem original, própria do presente das experiências de vida da autora, e, esta foi a sua primeira obra publicada em vida, e seu grau de instrução formal à época foi limitado, apenas dois anos do Ensino Fundamental, antigo Primário. Por sua vez, *Diário de Bitita*, de acordo com Germana Henriques de Sousa, é uma publicação póstuma de Carolina que relata, por meio da memória, fatos do passado. E ainda, esta narrativa autobiográfica foi “editada pela jornalista francesa Anne Marie Métailié em 1980, a partir do manuscrito intitulado *Minha vida*, *Diário de Bitita* lê o presente de Carolina, no momento da escrita, pelo passado”. (SOUSA, 2012, p.14)

Assim, a pesquisadora nos mostra que as obras provindas do gênero autobiográfico, tendencialmente, começam relatando os fatos ocorridos na infância, de modo a revelar todos os aspectos condizentes ao passado que iluminam o presente. Os relatos autobiográficos da infância até a fase adulta de Carolina de Jesus eram para ela uma forma de encontrar no passado uma resposta para a razão de seu sucesso com *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960). Este livro trouxe para a vida dela um turbilhão de emoções, que lhe proporcionaram uma grande esperança de se torna escritora de sua própria história, assim como, de se ver livre da miséria ao qual se encontrava dentro da favela do Canindé.

Assim relata a protagonista em 1º de julho de 1959: “...Estou cansada (sic) e enojada da favela. Eu disse para o senhor Manoel que eu estou passando tantos apuros”. (QD, p.197)

Os relatos de *Quarto de Despejo* são estruturados sob a perspectiva temporal - dia, mês, ano - com algumas menções espaciais sobre o local de moradia, a favela e alguns espaços do centro de São Paulo, como ruas e instituições (Assembléia, delegacia, Palácio do Governo e outros). No lugar onde mora a autora/personagem relata e descreve, enfatizando o tempo dos fatos: “cheguei na favela: eu não acho geito

(sic) de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior como no exterior estava sujo. E aquela desordem aborreceu-me. Fitei o quintal, o lixo podre exalava mau cheiro.” (QD, p.49)

Enquanto, *Diário de Bitita* é estruturado sob a forma temporal e espacial acentuadamente, tendo em vista que os relatos recorrentes a esta obra são dispostos em capítulos, precisamente vinte e dois, que mostram os lugares e tempo decorridos desde a infância até a maturidade da autora. Os fatos narrados compreendem a um período entre 1914, ano de nascimento da autora, e 1937, ano definitivo de sua migração para a cidade paulistana.

Diário de Bitita consiste em ser uma obra centrada na experiência de vida passada de Carolina e de seus familiares mais próximos como avô, mãe, tias, irmão, madrinha. E também, esta procura traçar um perfil étnico e social da cidade de Sacramento - onde Carolina viveu grande parte de sua infância e adolescência - numa constante busca de suas origens. Este é um diário diferenciado, por não ser escrito sob a forma canônica que contém uma cronologia temporal com a fixação de datas corridas. Observa-se que se trata de uma obra em prosa, mais tradicional.

Germana Henriques de Sousa salienta que a “infância pobre em Sacramento, Minas Gerais, guardava um segredo: estava escrito nas linhas do tempo que dali sairia uma poetisa. Bitita, “a negrinha”, iria se transformar na escritora Carolina Maria de Jesus”. (SOUSA, 2012, p.14) E, para enfatizar este acontecimento, a personagem Bitita relata que um médico espírita revelou à sua mãe: “Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa”. (DB, p.71)

As duas obras revelam, por meio da linguagem escrita autobiográfica e da voz da narradora, uma grande diversidade de pensamentos sensíveis e reflexivos, conectados e interligados nas experiências reais vivenciados por Carolina. Ela, com toda sua percepção e audácia, ora fragilizada e ora determinada de seus impulsos e sentimentos, soube filtrar todos os fenômenos e situações que ocorreram nos espaços e nos tempos de seu mundo, de modo a transformá-los e representá-los em histórias escritas, que a transformaram em escritora. Como, por exemplo:

Eu pensava: Se a guerra não traz benefícios para os homens, então por que é que eles fazem as guerras? Será que os homens não gostam deles? Não devem gostar, porque eles exterminam-se mutuamente. É a época em que a mente do homem metamorfoseia-se. Ele deixa de humano para

transformar-se em animal. Será que eles não se comovem com o sangue de seus semelhantes? (DB, p.43)

Assim, diante do turbilhão de diferentes e singulares percepções e sensações que teve do mundo ao qual vivenciou a autora dos romances, através de uma linguagem própria de seu conhecimento e de suas experiências de vida, relata, retrata e descreve - para nós, leitoras e leitores - a partir de uma voz singular, original e representativa da narradora protagonista, como fora este mundo.

Érico Andrade, em seu livro *O sujeito do conhecimento*, acentua que todo o conhecimento “deriva da experiência empírica, e que o pensamento não pode imaginar ou criar nada que não esteja dado, de algum modo, na percepção sensível” (ANDRADE, 2012, p.24-25). E que a linguagem “expressa ação, regras (não necessariamente lógicas!), história e cultura”. (ANDRADE, 2012, p.48)

A personagem principal de ambos os romances - que é a própria Carolina - relata por meio de uma linguagem particular, individual e própria de seu mundo, que expressa ação e emoção em todo o decorrer das obras, como ocorreram os fenômenos históricos e culturais que fizeram parte de sua trajetória de vida. A narradora do *Diário de Bitita* apresenta nome de personalidades, a exemplo do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que fez parte da história e da cultura da humanidade, ao relatar: “As profecias do Nietzsche já estão vigorando. Na época do Frederico (sic) Nietzsche, cem-mil réis era o ordenado de quatro homens da alta sociedade. Ele foi criticado. O povo dizia que ele era louco”. (DB, p. 47)

Pierre Bourdieu postula, em seu artigo intitulado “A ilusão biográfica” (1986), que “a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico” (BOURDIEU, 1986, p.183), e ainda, que os etnólogos não deram muita importância, porém os sociólogos a abarcaram como projeto de pesquisa das ciências sociais.

A história de vida, de acordo com o mesmo autor, é um conjunto de acontecimentos pessoal e individual, que o senso comum afirma prover da linguagem simples e direta que descreve todo o percurso histórico da vida do indivíduo “que está implícita numa filosofia da história no sentido do relato histórico, em suma, numa teoria do relato, relato do historiador ou romancista, indiscerníveis sob esse aspecto, notadamente biografia ou autobiografia”. (BOURDIEU, 1986, p.184) E estes relatos

autobiográficos supõem em parte, “na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva” (BOURDIEU, 1986, p.184) sobre os fatos relatados.

O indivíduo, a partir de seus relatos autobiográficos, constitui e institui uma identidade social e, principalmente, esta identidade torna-se rígida e visível quando o autor projeta e insere em seu discurso romanesco o seu nome próprio, como foi o caso da autora dos romances, que projetou seu nome Carolina Maria de Jesus em ambas as obras, para dar uma lógica à sua história, bem como sobre os fatos narrados, de modo a dar substância e segurança em suas propriedades civis de: sexo, idade, nacionalidade, grau de instrução etc. Esse conjunto de atributos age como suporte institucional e social, permitindo-lhe intervir como agente em diferentes campos da sociedade. Pierre Bourdieu acentua que

essa forma inteiramente singular de *nominação* que é o nome próprio institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis. (BOURDIEU, 1986, p.186)

Carolina ciente de ser uma cidadã brasileira - apesar de saber de sua posição social que é a dos excluídos por morar no interior de uma favela - assina seu nome na capa dos seus livros, atestando-lhes veracidade, sendo esta uma prova para os que não acreditavam que ela seria uma escritora.

Por sua vez, Philippe Lejeune, em seu livro *O Pacto Autobiográfico*, acentua que “a autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística”. (LEJEUNE, 2008, p.104) E ainda, se a identidade particular passar pelo processo narrativo seja na escrita ou na vida, isto “não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está ao lado da verdade”. (LEJEUNE, 2008, p.104)

O que o leitor lê com prazer, abrangência e intensidade serão absorvidos “por ele para a construção de sua identidade narrativa parece-lhe não poder vir senão do eu profundo do autor”. (LEJEUNE, 2008, p.106) O que torna-se intenso e prazeroso aos olhos do leitor, segundo Philippe Lejeune, parece “verdadeiro”, e o verdadeiro só pode ser autobiográfico.

De acordo com Lilian de Lacerda “o pacto autobiográfico é selado num acordo de cumplicidade entre quem escreve e quem lê, à medida que o texto avança e que se partilham experiências do mundo privado e íntimo da escritora”. (LACERDA, 2003, p.41) Como é o caso, segundo a pesquisadora, de *Diário de Bitita*, narrativa de memória autobiográfica com uma escrita que marca, choca e emociona o leitor, ao revelar, página a página, as vivências e experiências pessoais da vida da escritora.

Dessa forma, a narrativa dos romances de Carolina se faz intensa e profunda porque leva o leitor a criar uma identidade sobre ela, pois mostra como verdade a autenticidade dos fatos, dos acontecimentos e a história de vida da autora. É aí que se concentra o grande mérito da obra, pois a personagem configura-se como mentora da verdade histórica ao pontuar as ações, ora com comentários ora como porta-voz dos anúncios e previsões que preparam e aceleram o andamento da narrativa.

A personagem dos romances de *Diário de Bitita* e de *Quarto de Despejo* denuncia, sob a perspectiva de relatos autobiográficos, que a vida de Carolina sempre foi rodeada e marcada, desde a infância, pela pobreza e injustiça social:

Os pobres moravam num terreno da Câmara: “O Patrimônio”. Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. (...). A nossa casinha era recoberta de sapé. As paredes eram de adobe cobertas com capim. Todos os anos tinha que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocá-los antes das chuvas. (DB, p.7)

Assim, a personagem Bitita nos mostra no fragmento relatado por ela que têm consciência, que o modo de vida das pessoas excluídas (pobres, mulheres, negros, analfabetos, favelados etc.) não é somente exclusividade dela, portanto os diários de Carolina tornam-se um texto literário revelador, por possuir - não só para si, mas para com as demais pessoas de seu nível social - uma ética ligada com o compromisso social de diversas categorias de brasileiros iguais a ela.

Ao falar de si em *Quarto de Despejo* e em *Diário de Bitita*, e em outras obras que não estão especificadas neste trabalho, mas que foram produzidas e publicadas, a autora através de sua escrita assim como de sua personagem com seu discurso feminino para que o outro possa ouvi-lo e lê-lo, faz valer a sua liberdade, identidade e autoridade, faculdades estas de cada um agir ou decidir conforme as próprias determinações, independentes se existam forças hegemônicas opressoras como racismo, violência, miséria, pobreza, descaso social, entre outros.

E foi isto que Carolina Maria de Jesus fez, valeu-se de seus atributos como escritora, ao apresentar para uma grande parcela de leitores, suas obras literárias, tornando-se visível e superando dessa forma os desafios e alçando novos horizontes com seus diários autobiográficos.

Carolina, com suas produções artísticas, criou politicamente seu próprio espaço dentro do universo da literatura brasileira e internacional, ao expressar a sua voz em seus escritos, com dedicação, sensibilidade e destreza, com isso tornou-se um sujeito que representou a si mesma, instituindo uma identidade individual e particularizada, constituindo dessa forma o olhar da diferença sobre os demais literatos e das outras pessoas ao seu redor.

Capítulo III

O Poder da Leitura e Escrita na vida de Carolina Maria de Jesus

Nas duas obras encontramos o depoimento de uma mulher considerada marginal por não ter tido o privilégio de ser alfabetizada, pela cor de sua pele ou mesmo de sua classe social. Entretanto, as narrativas dos romances nos mostram o contrário, pois esta foi capaz de escrever e mostrar que escreveu por ter gosto pela palavra lida e escrita, teve senso crítico, lutou pela sua sobrevivência e a de seus filhos, e mostrou ter consciência de suas responsabilidades.

Desse modo, Carolina com a persistência da escrita, o gosto pela leitura, a capacidade de expressar e manifestar opiniões literárias teve argumentos suficientes, indiscutíveis e determinantes para fazer parte do universo da Literatura.

Andréia de Oliveira Alencar Iguma e Leoné Astride Barzotto, afirmam que a leitura e a escrita foram dois elementos fundamentais na vida da autora e, que a faziam ter impulso para suportar a maneira como vivia,

visto que era por meio dessas, que ela encontrava forças para colocar para fora todas as suas revoltas, anseios e esperanças, de registrar sua condição de subalternidade e as máculas que lhe feriam enquanto ser humano e aos demais que a rodeavam. (IGUMA; BARZOTTO, 2011, p.100)

A autora dos romances, de acordo com Iguma e Barzotto, foi uma pessoa que “se fez leitora, se fez guerreira, se manteve mãe, mulher e cidadã. E, ainda, mantinha a identidade de poetisa”. (IGUMA; BARZOTTO, 2011, p.103)

E a respeito do que foi mencionado pelas pesquisadoras, esta identidade de poetisa fica claro quando a personagem Carolina declama seus poemas em *Quarto de Despejo*:

Te mandaram uma macumba
E eu já sei quem mandou
Foi a Mariazinha
Aquele que você amou
Ela disse que te amava
Você não acreditou. (QD, p.134)

Marisa Lajolo e Regina Zilberman assinalam “eis porque educação e leitura alçam-se à condição de virtude, advindo daí como consequência a possibilidade (e mesmo a necessidade) de a literatura autopromover-se”. (LAJOLO;ZILBERMAN, p.256)

Acerca da explicitação citada pelas pesquisadoras, entende-se que a leitura é o caminho de conscientização educacional e moral, e subentende-se que este processo seja um transmissor de valores e ética, quando as pessoas o adquirem.

Dessa maneira, as injustiças sociais como discriminação, preconceito, desigualdade social e econômica devem ser superadas, e para que isto ocorra é necessário que haja uma transformação acentuada de valores morais e éticos nas bases organizadoras de todo sistema que rege uma sociedade, como por exemplos, a começar pelo núcleo familiar, que é a primeira e principal instituição de convívio do indivíduo, passando pela escola que deveria, por via de regras, manter um sistema de educação sem qualquer tipo de preconceito ou discriminação.

Todavia, não é isto que se observa nas instituições brasileiras, tendo em vista que ocorre em grande parte das famílias e das escolas brasileiras, assim como também, nos meios de comunicação de massa, diversos tipos de preconceitos, como aponta a pesquisadora Rita Terezinha Schimit, em seu artigo “Revisando a mulher na literatura: horizontes e desafios”. Em seu artigo ela nos mostra que vivemos em um país

que o espaço da família se tornou o lugar mais perigoso para as mulheres; a escola, o lugar onde o preconceito e a discriminação crescem de forma assustadora e a mídia o lugar onde muitos intelectuais insistem em reproduzir discursos permeados por estereótipos e a fomentar de forma indireta mas sistemática, o recrudescimento de uma violência simbólica contra as mulheres e os estudos das minorias. (SCHMIDT, 2010, p.263-264)

A autora dos diários, no enredo de suas obras, nos mostra essa realidade, pois, além de todas as limitações que era sujeita a passar, em busca de seu meio de sobrevivência, ainda sofria preconceito racial e de gênero das pessoas de sua família, “Minha tia Claudimira dizia: - É porque você é boba, se essa negrinha fosse minha filha!” (DB, p.124) Na escola, quando pequena, “É que eu estava revoltada com os colegas de classe por terem dito quando eu entrei: - Que negrinha feia! Ninguém quer ser feio”. (DB, p.122) E na sua comunidade - a favela - as pessoas questionavam o seu interesse pela leitura, deixando transparecer que uma mulher de cor escura e pobre não poderia dar-se ao luxo da escrita: “Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você”. (QD, p.23)

Mas, a protagonista dos diários não se deixa abater, e relata: “Eu era insuportável. Quando queria alguma coisa eu era capaz de chorar dia e noite até

conseguir. Eu era persistente em todos os caprichos. Pensava que o importante é conseguir o que desejamos”. (DB, p.12-13) E ainda, ressalta “(...), as bagunceiras são as mulheres. As intrigas delas é igual a de Carlos Lacerda que irrita os nervos. E não há nervos que suporta. Mas eu sou forte! Não deixo nada impressionar-me profundamente. Não me abato”. (QD, p.17)

A realidade dos fatos que permeiam as obras aqui analisadas são edificadas de forma representativa, ligando-se em uma ordem imposta pela autora, cujos conteúdos históricos narrados, reproduzem todo o sistema e os valores de sua vida, assim como suas experiências e seu caráter. Os termos estéticos são configurados cronologicamente, de modo a sobressair os valores éticos e morais pré-estabelecidos a ponto de expor a identidade de uma mulher determinada em sua causa, que era ser escritora e revelar para o mundo o seu universo de sofrimento.

Assim, as narrativas dos diários nos mostram que Carolina, por meio de suas incansáveis leituras e escritas - meios estes de adquirir um pouco mais de conhecimentos sobre as regras da língua materna - teve o privilégio de realizar o seu sonho, tornar-se escritora de sua vida, bem como ser dona de sua história. Sonhos estes negados durante muito tempo por uma sociedade que exclui e marginaliza a classe desfavorecida.

Carolina tanto prezou a educação, que trouxe para sua obra *Diário de Bitita* um capítulo intitulado “A escola”, em que neste a personagem Bitita relata como fora os primeiros passos de sua educação formal no ambiente escolar:

Quando entrei na escola, eu ainda mamava. (...).
A minha saudosa professora, dona Lolita solvina, perguntou-me:
– Então a senhora ainda mama. (...).
– A senhora está ficando mocinha, tem que aprender a ler e a escrever e não vai ter tempo disponível para mamar porque necessita preparar as lições. (...).
A minha professora soube me convencer que eu devia deixar de mamar. Compreendi que eu ainda mamava porque era ingênua, e a escola esclareceu-me um pouco. (DB, p.123-124)

Nessa perspectiva, a autora Carolina reconstitui o sujeito que participou e influenciou no processo de sua educação, de maneira à alfabetizá-la e, conseqüentemente, a fez ter prazer, sentir gosto e prática pela leitura e escrita.

O poder da leitura e da escrita na vida de Carolina fez grande diferença, pois deu a ela nova perspectiva de vida, de modo a superar desafios, sair da condição de invisibilidade aos olhos da sociedade e alcançar à visibilidade como agente de

construção literária com suas obras *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* e *Diário de Bitita*.

A autora, semianalfabeta, e perspicaz - de acordo com as narrativas aqui estudadas -, inspirou-se em leituras de livros de autores de tradição literária, como Casimiro de Abreu com suas poesias que abordam temas da infância, da pátria, solidão, entre outros. E também, em Bernardo Guimarães com o romance *A Escrava Isaura*, que a menina Bitita relata:

Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Escrava Isaura*. (...). Eu lia o livro, retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler. (DB, p.126-127)

O fragmento acima revela que Carolina desde pequena prezava a educação e o conhecimento, e ela já sabia que esses atributos só seriam adquiridos por meio de muita persistência e empenho em suas leituras, e estas, conseqüentemente serviriam como subsídios literários para a construção de suas obras e com isso atingir a mobilidade e ascensão social tão desejada como escritora.

Germana Henriques de Sousa aponta que a autora dos diários “às margens do sistema literário canônico, vai com este gesto romper padrões, pois ao tentar reproduzir o modelo cria um novo fato”. (SOUSA, 2012, p.111)

Carolina, ao revelar suas formas de escrita, força fronteiras e quebra barreiras de um sistema literário que não admitiu - ou mesmo admite -, que o diferente, o subalterno (mulher, negra/o, pobre, homossexuais etc.) como escritora/or, falando em primeira pessoa a ponto de mostrar a sua voz.

E o caráter inusitado das obras “está no testemunho escrito em primeira pessoa, sem mediação, de uma pessoa saída das camadas subalternas” (Sousa, 2012, p.112) e com uma linguagem própria adquirida do pouco de sua formação e dos livros aos quais teve acesso e interesse de desvelá-los.

Germana Henriques de Sousa acentua que “Carolina recusa a posição de *desclasada* que não têm direito à voz para se reafirmar como um falante da cidade letrada, que domina seus códigos a ponto de ser uma escritora”. (SOUSA, 2012, p.114)

Mesmo considerada *desclasada* - como coloca a pesquisadora - ou desajustada por não pertencer a uma classe elitizada, realmente, Carolina recusou-se a ficar calada, tanto que conseguiu levar suas obras de estilo e cunho próprio, para

diversos cantos do mundo e, sobretudo, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* atingir uma vendagem expressiva, ser publicados em vários países e se tornar “best-seller nos Estados Unidos”. (Sousa, 2012, p.16)

A leitura e a escrita foram dois processos fundamentais para Carolina, pois, ao adquirir alguns conhecimentos sobre eles, com isso, e de forma inteligente ela pôde e soube aplicá-los em prol de suas necessidades, revelar para o mundo suas condições de vida, além de acreditar também que a escrita seria o único meio de tirar ela e os seus filhos do lixo e da miséria da favela.

Para Regina Dalcastagnè, em seu livro intitulado “Literatura brasileira contemporânea: um território contestado”, é relevante que: “muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.7)

Dessa forma, o interesse de Carolina escrever sobre o seu mundo se diferencia demasiadamente da escrita dos autores clássicos. Ela queria ser reconhecida como escritora de seu mundo, de sua vida, de sua luta e, principalmente de sua história, para torna-se visível aos olhos da sociedade.

A autora revela, com sua escrita, fatos e acontecimentos com muita propriedade. Ela fez da palavra escrita uma arma para aqueles que a ignoravam e a menosprezavam.

Por isso, sua história de vida, igual a muitas outras, transformou-se - por conta do destino de ser descoberta por um jornalista afeito a causa social - em matéria escrita, publicada e divulgada, atingindo um número considerado de leitores.

Considerações finais

Carolina, a leitora, saída das margens, dos becos da extinta favela do Canindé, em São Paulo, nas décadas de 60, sem pensar que estivesse fazendo o certo ou não, atinge uma estética e um estilo próprio com sua escrita, tornando desse modo as suas obras originais e legítimas, a ponto de romper o sistema literário brasileiro, que exige que o escritor pertença a uma classe social escolarizada e domine os códigos das letras.

Mas, entretanto, o olhar apurado de Carolina estava voltado não apenas para o mundo que não era o dela. A narrativa das obras de *Diário de Bitita* e de *Quarto de Despejo* nos revela que a mente de sua autora prezava novos rumos, novos caminhos, de modo a colher frutos, pois estava exausta de tantos espinhos. E sua afinidade pela leitura e escrita, bem como seu projeto de construção literária, semeados e concretizados ao longo do tempo, a fizeram sentir e colher novos horizontes.

Carolina cumpriu sua tarefa - apesar das circunstâncias de vida a qual levava - de modo a fazer jus e ter o seu nome e suas obras perpetuados na história da literatura e não ser relegada ao esquecimento.

É nesse sentido que se pode dizer que muito das produções de autoria feminina, como é o caso de Carolina, movimenta-se por diferentes campos de abordagens, podendo ser incorporadas como aportes teóricos de estudos de diversas áreas, como a Sociologia, a História, a Antropologia, a Política, entre outras. Configurando-se mais uma estratégia crítica para sustentar e validar o alcance estético, político, histórico e cultural de certas interpretações ou de certos objetos literários, sejam eles femininos ou não, que muitos relutam em considerar como legítimo.

As obras aqui estudadas *Diário de Bitita* e *Quarto de despejo*, aguçaram e aguçam o interesse de estudos por parte de muitos pesquisadores e estudiosos, como acentua Germana de Sousa, porque elas são singulares “na literatura brasileira por ter sido recebida pelo público e pela mídia com um selo de autenticidade inquestionável”. (Sousa, 2012, p.175)

Do discurso narrativo das obras aqui analisadas, apreende-se que a experiência da miséria e das privações só pode ser contada por aqueles que a vivenciaram ou vivenciam, os que estão sujeitados e degradados a elas.

É, justamente, a impossibilidade do marginalizado que surge a escritora Carolina Maria de Jesus que escreve a sua miséria e a de outros com seu vocabulário próprio, e apreendido e compreendido aos olhos do leitor sensível.

Carolina aparece como uma exceção ao silêncio dos anônimos subalternizados por uma sociedade que não lhes dão direito à voz. Assim, a narrativa dos diários *Quarto de despejo* e *Diário de Bitita* tem a função de representar a coletividade, os subalternos, os sem direito a voz (mulher, negros, pobres, homossexuais e etc.).

A autora nos seus escritos deu-se o lugar de fala, ergueu a sua voz, mesmo sabendo de suas condições sociais, desafiando a todos que a relegaram.

Segundo os textos teóricos, a escrita de Carolina surgiu no ano de 1960, em um período que o contexto literário era exclusivo das camadas ditas privilegiadas, ou seja, as classes letradas brasileiras, que sustentavam uma ordem de gênero e raça, brancas/os, ricas/os. Porém, ao contrário de muitos escritores de posição social elevada, a obra *Quarto de Despejo* atingiu um grande público de diversas áreas e classes, nacional e internacional.

Portanto, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento dinâmico e aberto se faz necessário, para que outras formas variáveis possam dialogar. Como é o caso dos escritos da autora dos diários, que trouxe a público as obras *Quarto de despejo* e *Diário de Bitita*, sendo aquela uma obra singular por revelar uma linguagem particular e pouco comum no âmbito literário. Entretanto obra como esta faz-se necessário para que o outro, a classe considerada diferente, por alguns, se encoraje e traga para o campo literário os seus escritos.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Érico. “O sujeito do conhecimento”. In: Chauí, Marilena e Filho, Juvenal Savian. *Filosofias: o prazer do pensar*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

AZEREDO, Mônica Horta. “A representação de si e do outro nas falas de Carolina Maria de Jesus e Estamira”. In: Dalcastagnè, Regina e Tomaz, Paulo C. *Pelas Margens: representação na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2011.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amanda, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRASIL, Constituição Federal de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Uma Voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”. Estudos de literatura brasileira contemporânea, nº 20, Brasília, 2002.

_____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”. Estudo de Literatura brasileira contemporânea, nº 31. Brasília, janeiro – junho de 2008, pp. 11-23.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

IGUMA, Andréa de Oliveira Alencar; BARZOTTO, Leonè Astride. “Diário de uma favelada: um mundo narrado”. CERRADOS: Revista de Pos-Graduação em Literatura. *Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina*, nº 31, Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. "O feminismo como agente de mudanças no campo literário brasileiro". In: Stevens, Cristina. *Mulher e literatura - 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

LEUJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. In: Noronha, Jovita Maria Gerheim. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LUCENA, Bruna Paiva de. "Novas dicções no campo literário brasileiro: Patativa do Assaré e Carolina Maria de Jesus". In: Dalcastagnè, Regina e Thomaz, Paulo C. *Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom de. "História do Projeto: um olhar brasileiro". In: Levine, Robert. *Cinderela negra: a saga de Carolina de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. "Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços". *Revista Katalysis*. Florianópolis jan/jun, 2010.

SCHMIDT, Rita Terezinha. "Revisando a mulher na literatura: Horizontes e desafios". In: Stevens, Cristina. *Mulher e literatura - 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

SERGIO, Antonio; GUIMARÃES, Alfredo. *Preconceito e discriminação: queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil*. São Paulo: 34, 1997.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata*. São Paulo: Horizonte, 2012.

ZOLIN, Lucia Osana. "Literatura de autoria feminina". In: Bonnici, Thomaz e Zolin, Lucia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.